

PERSONALIDADE-ESQUEMA E PERSONALIDADE-AUTÊNTICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O DEVIR PERSONOLÓGICO EM ONTOPSICOLOGIA

Bruno Fleck da Silva¹

Resumo: A Ontopsicologia pressupõe a revisão crítica da consciência uma vez que considera o homem, imerso em sua concretude e mediante os contrapostos do seu existir, como devir em progressivo em adequação ao ser. Da constatação das modalidades de consciência em que o eu opera, o sentido último é a realização pessoal a partir de uma consciência reversível à própria inseidade ôntica. O presente ensaio considera a passagem essencial de uma personalidade esquema à personalidade autêntica para o processo de individuação.

Palavras-chave: personalidade; autenticação; Ontopsicologia.

Personality-schema and authentic personality: considerations on personological becoming in ontopsyhology

Abstract: Ontopsychology presupposes a critical review of consciousness since it considers man, immersed in his concreteness and through the contrasts of his existence, as a progressive becoming in adequacy to being. From the observation of the modalities of consciousness in which the self operates, the ultimate meaning is personal realization from a consciousness reversible to the ontic inseity itself. This essay considers the essential transition from a schema personality to an authentic personality for the individuation process.

Keywords: personality; authentication; Ontopsychology.

Personalidad-esquema y personalidad-auténtica: consideraciones sobre el devenir personológico en la ontopsicología

Resumen: La ontopsicología presupone una revisión crítica de la conciencia ya que considera al hombre, inmerso en su concreción y a través de los contrastes de su existencia, como un devenir progresivo en adecuación al ser. A partir de la observación de las modalidades de conciencia en las que opera el yo, el significado último es la realización personal desde una conciencia reversible a la inseidad ôntica misma. Este ensayo considera la transición esencial de una personalidad esquemática a una personalidad autêntica para el proceso de individuação.

Palabras clave: personalidad; autenticação; Ontopsicología.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) desenvolvendo Estágio Pós-Doutoral em Filosofia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em parceria com o Centro Italiano di Ricerca Fenomenologica (Itália). E-mail: bruno.fleck@hotmail.com

1 Introdução

A multifacetada leitura acerca das variantes da constituição psíquica do humano é visivelmente manifesta nas variadas compreensões das diversas doutrinas da psicologia. A Ontopsicologia por sua vez, enquanto conhecimento do específico apriorístico constituinte da psique, o Em Si ôntico, possibilita evidenciar a distinção entre as modalidades de uma personalidade-esquema e de uma personalidade-autêntica.

Partindo do conhecimento base da Ciência Ontopsicológica, o presente estudo destina a oferecer ao leitor estudioso um panorama geral acerca dessas modalidades da personalidade. Para alcançar este propósito passaremos de uma análise da personalidade-esquema à compreensão de sua estruturação mediante a díade materna e a estruturação da matriz reflexa como determinantes da psique humana.

A relação materna encontrará expressão máxima nos esquemas e sistemas que são componentes essenciais do social, que se não é metabolizado segundo a ordem da consciência ôntica, reforça o desvio e acentua a presença heterogênea como fonte condutora de um Eu-fictício e, portanto, reflexo da irrealização humana.

Por outro lado, o estudo é concluído com a delimitação da personalidade-autêntica, que reflete a ordem ôntica do sujeito uma vez que a consciência foi reduzida, enlaçando o psíquico ao ôntico. A Ontopsicologia enquanto ciência epistêmica e prática existencial é contributo para o processo que faz a destituição do Eu-fictício em vista do Eu a priori, refletindo assim as possibilidades do mundo-da-vida.

A dialética madura com o social favorece o predomínio da personalidade sobre o sistema e, portanto, tal premissa reflexiva é uma urgência a todos que buscam o conhecimento profundo do humano na esfera individual ou nas suas implicações ao interno da dialética com o social.

2 Personalidade-esquema

Personalidade-esquema é um conceito que aparece na primeira publicação de Meneghetti, *Ontopsicologia dell'uomo* de 1973. É interessante notar que o apelo à revisão crítica da consciência e à atitude metanoica, constituem o ponto especificamente da prática ontopsicológica desde os primórdios de sua operacionalização. Desde este primeiro texto o autor afirma a necessidade de que: “É preciso estabelecer no plano social a submissão do fato ao homem e não vice-versa” (Meneghetti, 2015a, p. 25).

Diferenciada pela delimitação do núcleo ôntico da estrutura humana, a Ontopsicologia compreende o homem como o portador de uma estrutura personológica que tem na base da individuação o seu princípio formal e virtual, o Em Si ôntico. Entretanto, o devir psíquico do homem indica que a estruturação da consciência e do eu não necessariamente estão em reversibilidade a este princípio formal, portanto, modulando uma consciência não-autêntica. Para compreender como a consciência está fora da própria ordem de natureza, é necessário considerar o impacto da estrutura heterogênea que passa a assumi-la, isto é, o sistema, manifesto a nível pessoal como *esquema*.

2.1 A derivação esquemática na díade materna

Segundo Meneghetti, em sua investigação etiológica acerca da personalidade, constatou-se que a mesma tem por base o processo em que o eu estrutura-se a partir de três instâncias, três precipitações: *o tecido orgânico; o imediatismo da interação corpo-ambiente; e a incidência diretiva organizada do social*² (Meneghetti, 2015b). Desse tríplice constituição é possível compreender primeiramente que o eu se constitui na dialética objetual, de modo tal que é no recíproco ocasionar-se, mediante as díades³ primárias, que devém a metabolização da realidade podendo assim constituir-se uma estrutura personológica base. Acerca de tal preceito convém destacar que: “Cada realidade é tal e existe enquanto estabelecida por uma relação. A díade é algo de ineliminável na realidade do humano” (Meneghetti, 2010, p. 234).

Num primeiro momento, pelo tecido orgânico ou código genético a distinção do indivíduo em acontecimento histórico e progressivo devir resulta a veiculação ao real biológico segundo os modos próprios a constar-se: o estado endócrino e emotivo dos geradores; o valor e intensidade de incidência emotiva e etérica dos genitores e a ressonância do feto ao estado endócrino e emotivo da mãe (Meneghetti, 2010). Portanto, a díade é

delimitada a nível biológico-emotivo e age sobre um fator a determinar a posição pela qual o eu em devir irá formar-se.

Num segundo momento o eu é interagente a um ambiente e sofre desse o imediatismo, de modo variar-se segundo a modalidade de seu entorno ambiental. Por fim, o eu organiza-se pelo organizado externo, a considerar-se a regra vital que “Colocando um elemento altamente especializado ao lado de um elemento neutro, prevalecerá o elemento mais especializado” (Meneghetti, 2010, p. 256). Nesse sentido, a organização, que é e produz esquema e que é e produz sistema, uniformiza esse eu ainda não totalmente constituído conforme o próprio conjunto energético como social agente sobre o individual.

Deve-se considerar que o primeiro impacto social que o sujeito conhece é a estrutura-esquema da própria família. Os interesses específicos do sistema social e familiar provocam o plasmar-se do indivíduo enquanto eu a uma determinada modalidade. Justamente, na base das díades, a nível de estruturação de personalidade a mais importante é a díade-materna, que depois, na vida adulta, será potencializada a nível de sociedade. Para Meneghetti, o útero materno dá a entrada ao útero societário, de modo que as modalidades de relação, a base complexual, as delimitações de seleção de escolha estarão sempre à deriva da mãe: “A sociedade faz a mãe e a mãe faz a sociedade” (Meneghetti, 2010, p. 239).

A família assume determinância sobre o sujeito porque em sua base está a relação mãe-filho, delimitada como uma relação diádica primitiva. Por excelência, em uma situação de díade já não há crescimento, pois segundo a constituição ôntico-virtual do

² Para uma compreensão mais ampla: Cf. MENEGHETTI, A. O nascimento do eu. In: **Ontopsicologia Clínica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

³ De derivação grega, a etimologia de díade indica: dois. Na leitura de Meneghetti, a díade é um modo de mútua necessidade que indica um movimento, sempre a dois. Para o autor, na díade: “[...] um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente” (Meneghetti, 2010, p. 235).

sujeito, só há devir em uma ação que se desenvolve de modo pessoal, isto é, em ação unívoca, sem uma força de caráter heterogêneo:

Como toda célula nasce do interior de outra célula e progressivamente de destaca, no ser humano o destaque, mesmo que implique dor, também é necessário à consecução de uma autonomia real. Tão logo a díade é destruída, a força dela, re-unificada no uno, consente a interação do uno da vida (Meneghetti, 2010, p. 235).

Do ponto de vista de uma compreensão simples: a díade possibilita que o eu, num primeiro momento, possa ater-se ao mundo enquanto realidade objetual e assim aconteça o favorecimento do próprio devir. Entretanto, tão logo o sujeito metaboliza a realidade, por meio da matriz reflexa, que institui a primeira preeminência total de elemento heterogêneo reforça-se numa díade que será sua seleção de leitura do mundo, agindo o próprio complexo dominante e perdendo a própria possibilidade de identidade.

O conceito de matriz reflexa refere-se à situação-ocasião, dada entre a díade primitiva do sujeito, que irá determinar a modulação do eu em função de uma específica estrutura complexual. Em outras palavras, podemos considerar que se trata do momento em que do ponto de vista de uma constituição própria, o eu é homologado ao próprio esquema e ao distanciamento de sua base ôntica, operando-se a cisão entre o eu e o próprio Em Si do homem e instaurando a preeminência inconsciente sobre a consciente.

Dois fatores moldam a matriz reflexa: a tipologia de cultura da família e estereótipo prevalente da moral familística (Meneghetti, 2010). Trata-se do fato que numa situação-ocasião, compreendida como “cena primária”, o eu em devir específico da

individação, ao intencionar um objeto de prazer e metabolização a si mesmo mediante uma pulsão de natureza, é atingido pelo contato ocular de ódio chantageador do adulto-mãe frustrado que é contrário a tal pulsão e este, para obter a gratificação afetiva, remove a própria pulsão, portanto, constela o que é próprio à heterogeneidade, esquematizando-se e assumindo um eu fictício.

Com a constatação do processo pelo qual o eu distancia-se do próprio original, Meneghetti compreendeu que a estruturação do superego, em sentido freudiano, tem base na relação da díade primária. A modalidade instintiva do eu em devir histórico é totalmente condicionada pelo elemento heterogêneo, e toda a função energética do sujeito deixa de ser investida no fluxo vital para sedimentar-se no complexo. O eu assume-se uniformizado pelo externo, fora do próprio original, da própria autenticidade, o esquema predomina.

É partindo de tal pressuposto que Meneghetti (2010, p. 233) compreende que: “A família permanece a primeira estrutura que constitui a matriz-base para qualquer involução do sujeito”. Nesse sentido, a tipologia psíquica no seu proceder constituinte é marcada pelo desvio, isto é, “[...] em todos os recém-nascidos inexistente o processo de autenticidade, existe somente o processo de heteroidentidade. Sucessivamente, a partir dessa, o sujeito formará a própria identidade” (Meneghetti, 2010, p. 234).

A modalidade da relação diádica no interior do núcleo familiar constitui-se como elemento decisivo à originalidade de um devir personológico autêntico ou inautêntico. Na constatação de Meneghetti (2015b) os genitores em sua maioria são incapazes de reconhecer as necessidades instintivas dos

filhos, mais do que isso, opera-se uma descentração das pulsões egoicas dos filhos. Por fim, o que se verifica no adulto é uma personalidade-esquema que reflete no humano: “[...] a incapacidade de aferrar-se à própria autenticidade originária, enquanto todos somos mais ou menos coordenados segundo a modalidade de relação com o objeto primário” (Meneghetti, 2015b, p. 70).

2.2 O Eu-fictício

Um dos elementos conclusivos do quanto exposto é a compreensão de que o eu se forma depois do complexo (Meneghetti, 2010) e portanto, constitui-se como eu fictício. Considerando que o sujeito é histórico e em constante devir, o desvio instaurado pela matriz-reflexa age em anterioridade ao eu, pois a consciência, irá refletir-se em modo fictício e não em modo real. Uma vontade originária, como manifestação teleológico-intencional do próprio sujeito enquanto Em Si assume uma tipologia psíquica marcada pelo desvio e, é nesse sentido que se compreende que o complexo age independente do eu original.

A constatação da personalidade edificada em idade adulta revela que o homem age a partir de uma personalidade-esquema. Atesta o nosso autor que: “De fato, se observarmos a cada instante a nossa vida, dar-nos-emos conta que somos tranquilos repetidores de detalhadas imposições sociais” (Meneghetti, 2015a, p. 26).

O eu constituído na personalidade-esquema assumirá o caráter de “Eu normal fictício”, termo desenvolvido em *Ontopsicologia Clínica* (2015b). Esse eu fictício corresponde ao Eu não-autêntico e que agora, a partir do quanto exposto,

compreende-se que é estruturado pelo heterogêneo, pelo externo, caracterizando assim pela ausência do próprio originário-base e pela inautenticidade. É normal pelo fato de ser constatável na grande maioria, dispersa de si, massificada.

O desvio do próprio originário é consolidado por uma consciência não revisada e que associa-se a verdades marcadas pelas certezas que se constituem na estrutura ou sistema e não na radicalidade do mundo-da-vida⁴. As certezas provenientes da fonte ilusória do eu fictício não somente refletem-se em categóricos morais do superego à personalidade-esquema, bem como, são representadas em categorias de verdade massificante aprovadas, como em algumas verdades científicas desconectadas da experiência em primeira pessoa do sujeito, portanto, sem nexo-ontológico.

Acerca dos categóricos morais manifestos na *ipse dixit* das ciências, o autor constatou que: “Muitas coisas, na pesquisa científica, sobretudo no campo psicológico, são consequências de uma presunção do Eu normal fictício, em vez de um Eu em relação de autêntica realidade para com a totalidade” (Meneghetti, 2015b, p. 60). Nesse sentido, abre-se a compreensão de que os grandes categóricos, as grandes verdades aceitas no

⁴ Antonio Meneghetti foi tocado pelo apelo fenomenológico de Edmund Husserl, apropriando-se de alguns conceitos que considerou propedêuticos à proposta da Ontopsicologia. O conceito husserliano de *lebenswelt*, o mundo-da-vida, é apropriado por Meneghetti na mesma perspectiva. O mundo-da-vida, reino das evidências originárias, é compreendido como o solo último de uma consciência revisada, autenticada e purificada, é a esfera que abre o nexo-ontológico, onde o homem, a partir do critério ôntico refletido num eu a priori lê com exatidão o que é reversível à própria identidade. Cf. MENEGHETTI, A. O nexa ontológico na fenomenologia das ciências. In: **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

plano social, incluso àquelas das ditas ciências, possuem um fundo proveniente da modulação psíquica onde a própria pesquisa é coordenada pela base complexual⁵.

O eu fictício aparece como elemento constituinte da personalidade-esquema, de modo tal que se verifica que a relação ambiental age diretamente sobre a formalização da personalidade. A realidade familiar condiciona as modalidades variadas do social abrindo-se como fundamento apriorístico do social, das instituições religiosas, políticas, culturais. Ainda mais, Meneghetti (2010, p. 234) a compreendeu como: “[...] afetividade do efeito-rede da ideologia societária”. Nesse sentido, uma vez que a personalidade-esquema é pautada por um eu que na primeira infância aprendeu o sistema materno, é nas esferas das grandes modalidades da doxa societária que continuará a executar a esquematização, ou seja: “A criança estrutura a própria tipologia modulando-se sobre a tipologia materna” (Meneghetti, 2010, p. 237). A manifestação ampliada da díade materna abre-se portanto como doxa societária, como sistema.

Conforme salientamos, uma vez estabelecida a personalidade-esquema, da

relação diádica com a figura materna, o sujeito encontrará ampliada a categoria de entrega afetiva à modalidade do sistema, o qual é a manifestação estrutural da doxa social. Por sua vez, o social não deve ser evitado, ao contrário é o plano das possibilidades, onde o sujeito poderá transcorrer, seja como personalidade-esquema, seja como personalidade-autêntica, segundo a dupla moral e o exercício metanóico.

O eu não pode devir sem o objeto, assim como o sujeito humano não pode existir sem o social. O ponto em questão a saber é que o processo de autenticação, que significa igualmente autenticação do próprio eu e da própria personalidade, necessitará do social como possibilidade. Para Meneghetti em *Sistema e Personalidade* (2019) a autenticação implica a capacidade de saber prevalecer a personalidade sobre o sistema mediante uma dialética positiva. Para o autor: “O social é o útero permanente onde o sujeito administra a própria possibilidade, isto é, a própria virtualidade para realizar aquilo do qual é dotado desde o nascimento” (Meneghetti, 2019, p. 15).

Virtualidade implica possibilidade, de ser ou não-ser, de constituir como personalidade autêntica ou personalidade-esquema. É diante do ato histórico, no livre escorrer do sujeito no mundo e na história este identifica-se como parte do organísmico do social. Tratando-se de organísmico, implica a existência de uma dinâmica sinérgica entre indivíduo e todo, entre pessoa e sistema social.

Diante do social, o sujeito que vive a estruturação da personalidade-esquema não consegue verificar a possibilidade no social senão a limitação. Tal limitação significa objetificar-se diante da massificação ou ainda,

⁵ Acerca do tema da inexatidão da consciência como constituinte das formalizações científicas elaboradas sem a reversibilidade com o mundo-da-vida, o autor dedicou uma série de estudos. Para Meneghetti, fundamental é a revisão crítica da consciência do pesquisador, bem como, a necessidade de uma segunda metanoia ao filósofo e ao cientista. Uma vez que na perspectiva ontopsicológica todo proceder de conhecimento tem por base a evidência e o nexo-ontológico, o pesquisador parte sempre da globalidade de sua personalidade. Assim, a passagem de uma personalidade-esquema a uma personalidade-autêntica é um caminho necessário àqueles que exercem a liderança intelectual. Por fim, resta a evidência gnoseológica que: “O Eu faz-se nascendo juntamente com aquilo que conhece” (Meneghetti, 2015b, p. 61). Para aprofundamentos: Cf. MENEGHETTI, A. **Genoma Ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

verificar-se dentro do consumismo da própria personalidade. Como precipitado do sócio-ambiental, o eu fictício característico da personalidade-esquema sofre a vetorialidade heterogênea no prevailecimento de pseudo-verdades: a validade indiscutível do que está escrito; a soberania do sistema imposto; a garantia da rigidez.

A excessiva compensação na força do *ipse dixit* funda-se no fato de que a primeira lei foi ditada pelo contrato do primado afetivo da mãe. Assim, a personalidade-esquema necessita das estruturas que mediante a força sustentem o irreal. Para Meneghetti (2019, p. 34):

Muitas vezes o sistema envolve na própria estrutura a ideia de transcendente, porque, para ocupar o interior dos seres humanos, é preciso passar pelo roteiro da estruturação ou da violência daquele ôntico, daquele transcendente, daquele algo que coloca cada ser humano para além da própria história.

São os elementos constitutivos da personalidade-esquema que apoiam em convicção e emoção o império do sistema sobre a personalidade, o resultado disso é uma alienação histórica, uma perda do horizonte virtual manifesto pela vida a cada individuação.

Sem uma predisposição específica no homem, a violência do social não poderia ser assimilada e executada. De fato, Meneghetti considera que: “O sistema é a psicossomática daquela violência em ato que todos temos inconscientemente de modo capilar” (Meneghetti, 2019, p. 59). A violência como fenomenologia do sistema e da personalidade-esquema é sempre ativada pelo fundo complexual do sujeito, entendido como quântico potencial não evoluído, entregue às

forças heterogêneas que esquematizam o sujeito.

3 A personalidade-autêntica

Ontopsicologia significa a lógica da psique quando em referência ao próprio ente. Baseada sobre a função básica de uma revisão crítica da própria consciência, a Ciência Ontopsicológica direciona-se para o radical e nucleico Em Si do homem. Em contrapartida à constatação do desvio do eu, preconiza que: “Preeminente deve permanecer a tendência antropocêntrica e todo dado social deve revelar a pessoa” (Meneghetti, 2015a, p. 25).

Se conforme verificou-se o organísmico do social manifesta a ação interagente entre sujeito e todo, o social deve ser o espaço que manifesta a singularidade do sujeito, portanto, deve ser espaço antropocêntrico. Entretanto, para que no social prevaleça o sujeito, para que no sistema, sobressaia a personalidade a autenticação da personalidade é tarefa.

Característica essencial da personalidade-autêntica é a que reconhece o próprio devir existencial como valor. Para o autor: “O valor não é uma ideia, mas uma voz do ser que urge como necessidade, é uma relação transcendente do ser que exige concretização no coração do homem, sob pena de uma progressiva autonegação” (Meneghetti, 2015a, p. 27). Nesse sentido, trata-se de considerar que toda vez que não se é, já vive-se o não-ser, a impossibilidade de única possibilidade, a de manifestar na história a própria individuação, o constituir-se como personalidade-autêntica.

A autenticidade na Ontopsicologia não é o resultado de uma determinação consciente, mas sim, o adequar-se da consciência à própria

realidade ecceica, ao modo específico pelo qual cada pessoa acontece, ao seu específico Em Si ôntico. Todo valor tem por fundamento o específico ser individual. É o princípio formal do sujeito que deve ser o endereçamento pelo qual o eu prossegue no tornar-se e na constituição da própria personalidade.

É necessário considerar que: “A consciência humana já possui em si o valor originário, quase potencialidade ao próprio fim, para coordenar o dispersivo contexto mundano ao próprio significado de pessoa, contanto que dissolva todos os condicionamentos sobrepostos à própria autenticidade (Meneghetti, 2015a, p. 26).

A personalidade-autêntica manifesta-se, de acordo com Meneghetti, como um modo de consciência-funcional. Uma vez que o sujeito é disponibilidade histórica, isto é, que escorre no tempo existencial constituindo o próprio existir como campo de possibilidade ao próprio ser, então o eu é funcionalidade, é autóctise histórica que responde ao intencional do próprio princípio formal. A personalidade-autêntica tende a responder aos problemas existenciais sendo solução renovada na própria ordem dando ao próprio existir maior qualidade.

Para Antonio Meneghetti (2015b), a existência deve ser vivida como contínua progressão ao Ser e, portanto, o significado do existir do homem é o de uma existência com tensão à realização metafísica. A autenticação da personalidade cumpre uma função de realização total do indivíduo fazendo a passagem da dimensão virtual à dimensão ato referente ao específico ser que é.

Da retomada em ato do Em Si ôntico mediante a autenticação, colhem-se alguns

resultados, dentre os quais o segundo é definido como: “Identificar e autenticar as condutas totais do eu de natureza e restabelecer a sanidade biológica e funcional” (Meneghetti, 2010, p. 21). A partir da revisão crítica da consciência e do processo que determina, mediante a vivência operante de uma personalidade-autêntica, a sanidade biológica e funcional são parâmetros fenomênicos da unidade entre ser e modulação psíquica. Nesse sentido, a autenticidade implica numa autoidentidade, isto é, no manifestar-se progressivo e funcional da identidade.

Se na personalidade-esquema o estrutural determinante foi a modulação da díade, igualmente, o que favorece a personalidade-autêntica são dimensões positivas de díade. Para que o Eu verdadeiro possa nascer é necessário que o sujeito seja confrontado ao devir impulsionado por díades de caráter evolutivo⁶, isto é, que favoreçam a ecogênese da vida. Na díade de caráter evolutivo o sujeito é impulsionado a devir a partir da própria identidade, isto é, na relação entre as partes uma não age de modo heterogêneo sobre a outra, mas impulsiona a cada uma a manifestação da própria identidade.

A passagem da personalidade-esquema à personalidade-autêntica requer o exercício metanoico mediante o processo de autenticação, que na perspectiva ontopsicológica advém mediante a psicoterapia ontopsicológica. Edmund Husserl em seu *Ideias para uma fenomenologia pura e uma*

⁶ Antonio Meneghetti classifica quatro tipos de díade: 1) Díade tânático-regressiva; 2) Díade repetitivo-obsessiva; 3) Díade evolutiva; e 4) Díades provisório-ocasional. Cf. MENEGHETTI, A. A teoria ontopsicológica da personalidade. In: **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

filosofia fenomenológica (2006) tematizar que o acesso ao mundo-da-vida deveria ser operado por via psicológica e não filosófica. Isto é, a posição que levasse o sujeito humano ao contato autêntico e verdadeiro com o próprio real é tarefa de uma psicologia capaz de acessar o eu purificado, reduzido transcendentalmente. Justamente, Husserl delimitou o apelo a uma paisagem do *eu psicológico* para o *eu puro* (*Ur-Ich*).

Partindo do apelo husserliano, Meneghetti compreendeu que à base de uma personalidade-esquema prevalece sobre a pulsão ou intencionalidade do Em Si ôntico o sobreposto histórico de um eu fictício. Assim, a consultoria de autenticação ou psicoterapia ontopsicológica possibilita as inúmeras reduções necessárias, às *epochés* relativas ao prevalecimento de um eu autêntico.

Uma vez operada a autenticação, uma vida autêntica implica num modo contínuo de manter ativa a intencionalidade ôntico no sujeito, nas palavras do autor, trata-se considerar que: “O devir do homem não é um acréscimo a algo de estático; mas, pelo fato de que parte da autodeterminação, é o próprio devir que leva o ser à sua realidade permanente” (Meneghetti, 2015a, p. 16). A personalidade-autêntica evidencia a unidade entre ser e pensar, ser e agir, favorecendo ao sujeito o livre escorrer histórico de uma existência que é funcionalidade ao próprio apelo ôntico, vive-se a unidade da própria verdade (*cum uno esse*).

Uma vez operado o nascimento do Eu, a personalidade-autêntica favorece a consciência ôntica. Para Meneghetti (2015a, p. 50): “[...] o psicoterapeuta procura levar o cliente do Eu disperso como coisa ao Eu recolhido em perenidade ôntica”. Nesse sentido, o sujeito é

levado a conhecer em profundidade a própria radical identidade e assim, a ter uma consciência que seja especular a essa própria radicalidade.

A personalidade-autêntica configura-se como a posição do sujeito histórico em reflexo à própria consciência ôntica. Para Meneghetti:

A consciência humana funda-se na consciência ôntica que permanece o categórico insubstituível para cada escolha do homem. A cada momento em que o homem é situado na proposta existencial, a determinação única é dada pela consciência ôntica, ou seja, pela verdade do próprio ser (Meneghetti, 2015a, p. 61).

Portanto, diante das variáveis dinâmicas do existir onde impera a ação externa sobre o indivíduo, a personalidade-autêntica que age através da consciência ôntica possibilita favorecer que o sujeito prevaleça sobre o esquema e sobre o sistema. Além disso, o sujeito, em sua escolha cotidiana age pautado por uma ética ôntica, isto é, é sempre em base à própria personalidade-autêntica que escolhe e age.

Uma vez constituído o Eu, este determina o funcionamento lógico do indivíduo. Conforme atesta Meneghetti (2015a), para cada homem é dado um “logos” específico. Quando a personalidade é autêntica e portanto funcional, o Eu, enquanto Eu a priori, originário, determina uma existência também autêntica, pois o sujeito lê e age no mundo em reversibilidade ao próprio originário. Assim: “Se cada ação histórica é um processo de sentidos, o Eu a priori chega à autorrealização como plenitude do sentido de si” (Meneghetti, 2015a, p. 67).

A possibilidade de realização mediante o viver autêntico consoma-se no social, pois o homem realiza-se no plano histórico-social. Assim, se por um lado o social determinou o

esquema da personalidade, é sabendo viver de modo autêntico e na transcendência dos estereótipos que o sujeito se realiza. Nesse sentido, compreende-se que: “Segundo a interpretação ontopsicológica, a pessoa humana é um metafísico originário em impacto essencial com o matérico social, que pode ser individuado como Eu histórico” (Meneghetti, 2015a, p. 67).

Diante do social, a personalidade-autêntica compreende a necessidade de estabelecer a dialética entre a moral social e a moral ôntica, isto é, o exercício da dupla-moral. Para Meneghetti (2021, p. 81): “A moral ôntica espelha a intencionalidade de natureza ínsita na individuação humana”. Assim sendo, a realização no social não pode dispensar a atitude da dupla-moral.

O caminho para a vivência da personalidade-autêntica exige o contínuo exercício metanoico. Para nosso autor, é evidente o fato de que: “Se não compreende e não muda a si mesmo, o indivíduo estará sob o domínio de quem é mais organizado” (Meneghetti, 2019, p. 61). A metanoia propõe ao sujeito a transposição de uma dimensão que consente a progressiva autóctone personológica. Assim: “[...] a noogênese ôntica é possível somente para quem tecnicamente supera o exame existencial” (Meneghetti, 2019, p. 64).

A noogênese ôntica é o nascimento da *nous*, da mente profunda, a partir da radicalidade ôntica do sujeito como caminho à personalidade-autêntica refletindo assim uma modulação psíquica em sanidade e ganho existencial. A perspectiva ontopsicológica salienta sempre a possibilidade da realização, na sua leitura antropológica, o sujeito humano é em sede última o próprio Em Si, podendo

sempre refazer-se na própria ordem de natureza.

4 Considerações Finais

Por fim, a personalidade-autêntica faz com que o sujeito possa cumprir na história o quando endereçado pelo seu próprio Em Si. Etimologicamente autenticar-se significa colocar-se igual à ação. O presente estudo buscou elucidar os conceitos de personalidade-esquema e personalidade-autêntica desenvolvidos pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti.

A personalidade-esquema tem raízes firmadas na relação diádica que o sujeito estabelece em vista do próprio devir histórico, porém, desviando a pulsão do originário de natureza em vista da predominância do heterogêneo. A análise ontopsicológica distingue-se pela capacidade de relacionar o dado psíquico ao elemento causal do humano, a sua identidade de natureza. Sem a verificação do originário ôntico do sujeito humano a psique recai sobre análises relativistas e a patologização torna-se possibilidade comum. Diferentemente, a singularidade da Ontopsicologia volta-se para a constituinte do psíquico, o Em Si ôntico do sujeito humano e sobre isso está sua força de ação epistêmica como ciência em prol do humano.

A crise das ciências tem resquícios fortes sobre as análises da realidade psíquica do humano. Saber distinguir as posições da personalidade e apontar para a autenticidade baseada na especificidade ôntica do sujeito responde a uma necessidade do tempo presente e restitui à análise do psíquico o elemento ontológico. A partir de tal pressuposto, a Ontopsicologia é método epistêmico que

restitui a consciência à própria inseidade manifesta como personalidade-autêntica e, portanto, como consciência ôntica.

Referências

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Trad. Márcio Suzuki. 5. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Genoma Ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia Clínica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, Antonio. **Sistema e Personalidade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

MENEGHETTI, Antonio. **A arte de viver dos sábios**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.